

A MALDIÇÃO DE BALZAC: IMAGENS DO JORNALISMO NO ROMANCE ILUSÕES PERDIDAS.

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (UEPB)

Orientador: Luis Custódio da Silva (UEPB)

Esta comunicação se propõe a analisar como o jornalismo foi abordada no romance *Ilusões Perdidas*, do escritor francês Honoré de Balzac, obra escrita entre os anos de 1835 e 1843, observando assim as particularidades lingüísticas relacionadas como a prática jornalística e os valores da sociedade da época. Serviu de base a *Análise de Discurso* na perspectiva francesa, que está relacionada à articulação entre o lingüístico e o social, procurando assim compreender o romance enquanto uma produção cultural, considerando os processos e as condições de produção. A obra se afirma como um discurso crítico, uma espécie de maldição, pois Balzac enfatiza por meio dos seus personagens o comprometimento com o poder e com a manutenção da ordem estabelecida da imprensa com as elites intelectuais e políticas de sua época.

Palavras chave: Jornalismo, Literatura, Balzac.

Introdução

Até hoje muitos são os admiradores da obra Balzaquiana justamente pelo seu realismo. Não é difícil encontrar em antologias ou diários de leituras elogios clássicos enfatizando a extrema beleza de suas alusões e a clara descrição de seus personagens. Segundo Perrone (2000) Balzac viveu num período de agitação política e grandes transformações sociais, *“registrando tudo ‘ao vivo’ em sua obra, como um super-repórter. Diferentemente de seus contemporâneos românticos, ele não buscou nenhuma evasão temporal ou especial, mas fez do que via e vivia a matéria de seus romances. (Perrone, 2000,p.47)”*. E mais à frente a estudiosa relata *“nascido no ano do 18 Brumário (ascensão de Napoleão ao poder), e falecido logo após a Revolução de 1848, ele transformou o império, a restauração da monarquia e a revolução de 1830, que efetuou um pacto entre a monarquia formal e a burguesia reinante de fato.”* (*idem*)

Este lado político da história da França durante a sua trajetória, pois ele viveu em um período conturbado, está muito presente em seus escritos, principalmente em seus romances de natureza histórica, onde personagens verdadeiros contracenavam com personagens criados por sua imaginação. Aliás, seus personagens são o seu forte enquanto escritor. Sabe-se que Balzac criou, só em sua Comédia Humana, cerca de 30.000 personagens, distribuídas em vários contos, novelas e romances.

Um aspecto destacado por Perrone (2000) é o lado maniqueísta de seus personagens. Segunda a autora a imensa maioria das histórias do escritor francês termina com a vitória dos maus, dos mais fortes e mais espertos, e a conseqüente derrota dos personagens bons e honestos. Pristley (1968) também se refere a este aspecto:

Elas tendem a ser inteiramente boas ou inteiramente más, os bons tendem a ser tolos, e se deixam mui facilmente sacrificar, e os maus tendem a tornarem-se deliberadamente perversas, cheirando um pouco a enxofre. As moças virtuosas geralmente não têm caráter e são como as heroínas do começo do cinema fotografadas através da gaze. Os jovens são os melhores, principalmente se forem ambiciosos, mas incertos, meio inteligentes, meio tolos. Mas melhores de todos são os de meia idades e velhacos, de ambos os sexos, que são vítimas de algum monstruoso apetite, de alguma paixão dominante, alguma mania, por que o romântico unilateral em Balzac tem uma simpatia instintiva para com tais personagens, embora possa fingir desaprova-los e, assim, cria maior que o natural e empresta-lhes uma terrível energia. (Pristeley, 1968, p.158).

Estes fatores característicos da Balzaquiana demonstram alguns certos limites de sua produção literária, entretanto, não diminuem sua força criativa e estética, ao construir personagens complexos (mesmo com maniqueísmo) como são as próprias relações humanas, visto que suas criações personificam, mesmo assim, as contradições de caráter, os idealismos, as perfídias, contrastes de sentimentos nos homens. Para Perrone (2000)

Ninguém põe em dúvida a afirmação de Marx e Engels de que ele viu e fixou, melhor do que ninguém, a sociedade resultante da Revolução Francesa, a cidade grande na quais os indivíduos travariam uma luta feroz e amoral sobrevivência, a passagem do mundo rural, para o mundo industrializado, o novo poder constituído do jornalismo, o naufrago dos valores do Ancien Regime e o predomínio absoluto do dinheiro na nova sociedade Burguesa. (Perrone, 2000, p.49/50).

Desilusões Humanas

Das obras de Balzac o romance *Ilusões Perdidas*, tem um lugar privilegiado em sua *Comédia Humana*. Para muitos críticos, este romance é uma das obras mais trabalhadas do romancista, - quase todos eles enfatizam a qualidade criativa, a estrutura narrativa, bem como a construção dos seus personagens e o caráter crítico das temáticas que o cercam. Escrito entre os anos de 1835 e 1843, o romance foi dividido em três partes, publicadas sucessivamente nos anos de 1836 (intitulada “os dois poetas”), 1839 (“Um Grande homem da província em Paris”) e 1843 (“os sofrimentos do inventor”). A obra trata dos esplendores e misérias de um poeta de província, Lucien de Rubempré, que faz carreira em Paris, obtendo sucesso fulgurante

e meteórico quando entra para o jornalismo, e caindo em desgraça em boa parte pelos próprios poderes ambivalentes da imprensa.

Em toda a primeira parte, batizada de “Dois poetas”, Balzac descreve a vida na pacata Angoulême, colocando sua lente de aumento na vida de um sonhador Lucien que almeja fazer sucesso em Paris como poeta; de seu melhor amigo, David Séchard, que passa a tocar a ultrapassada tipografia de seu pai (um velho avarento, que não dá ponto sem nó); de Ève, irmã de Lucien, por quem David se apaixona; e o núcleo aristocrático comandado pela senhora de Bargeton, que será amante de Lucien e, como ele, sonha com os esplendores da capital. Na verdade Luciano de Rubempré é uma das criações mais completas de Balzac. Pinta um indivíduo caracteristicamente romântico. Encarna um tipo universal do talento provinciano seduzido pelo brilho da capital, mas também é a personagem característica de determinada sociedade e época. Na segunda parte, “Um grande homem de província em Paris”, ele pinta (para usar uma expressão do próprio autor) os costumes íntimos da vida parisiense, com a chegada da senhora de Bargeton e Lucien. Nesse capítulo, o maior do livro, o escritor flagra com ironia a vida cultural da grande cidade, principalmente o meio corrompido do jornalismo e do espetáculo teatral. Na última parte, “Os sofrimentos do inventor”, Balzac volta-se ao cotidiano de Angoulême, retratando as dificuldades de David Séchard com sua gráfica e o retorno de Lucien, após a experiência vivida na metrópole.

Segundo Rónai (1978), que assina o a nota introdutória da primeira tradução do Brasil, “*A parte mais importante do livro é o segundo episódio, as vicissitudes de Luciano em Paris, onde ele passa por uma serie de ambientes. O dos jornalistas é aquele que leva Balzac a usar traços mais incisivos e as cores mais fortes, e lhe transforma as paginas numa sátira virulenta.*” (Rónai, 1978, p.9) . O romance focaliza o jornal em estado nascente, e traça uma espécie de anatomia financeira da indústria editorial, bem como do fenômeno da grande imprensa e das ficções de massas. Segundo Wisnik (1994, p.321), em seu brilhante estudo sobre a obra, *Ilusões Perdidas* “*flagra uma série de situações típicas ou situações-limite da vida jornalística que, surpreendidas em seu impacto originário, matem uma extraordinária força analítica.* (idem)).

Além dos jornalistas, chamados de “*negociantes de frases*” e “*espadachins das idéias e das reputações*” há uma descrição rigorosa no livro de vários tipos de livreiros, contratos, tráficos de influência, sistemas de benesses e modos de oscilação dos preços do prestígio pessoal, da folha de papel, dos gêneros literários e das posições políticas. Entretanto a imprensa parece ser o assunto principal e tratado de

uma forma extremamente crítica e sarcástica, sendo Balzac se ocupando largamente durante a narrativa dos tráficos de influência e da corrupção. É como o próprio Rónai (1978, p.9) se referiu “... há nessa atitude uma convicção quase mística de que o jornalismo é uma verdadeira doença, que infeccionam fortemente todos os que nele se metem”.

Antes de compreendermos as motivações, os seja, as chamadas condições de possibilidade e as circunstâncias de enunciação de tal discurso crítico em relação à imprensa vamos pintar um quadro da situação do jornalismo da época de Balzac.

A imprensa francesa no início do século XIX

No início do século XIX Paris já era a capital cultural da Europa, mas antes disso, sua influência já estava presente no campo político, não só da Europa, mas do mundo inteiro, graças aos famosos ideais de luta da Revolução de 1789: igualdade, liberdade e fraternidade. No que se refere ao jornalismo, à imprensa teve um papel preponderante na circulação destas idéias, e nas discussões sobre os novos rumos de um país que ainda vivia em estado de guerra e em um cenário intenso de instabilidade política. Segundo Traquina (2004) as crescentes tiragens dos jornais corresponderam à intensa comercialização da imprensa durante o século XIX. “Embora houvesse pessoas que, por exemplo, fizeram negócio com a venda de jornais durante a revolução francesa no fim do século XVIII, os jornais eram ainda, e, sobretudo armas na luta política” (Traquina, 2004, p.34), mas sem um caráter tipicamente mercadológico. É no século XIX que o novo jornalismo, chamado por Traquina (2004) de *penny press*, será encarado como um negócio que pode render muitos lucros, apontando com objetivo fundamental o aumento das tiragens.

Para o estudioso português o surgimento do jornalismo enquanto atividade remunerada está ligada à emergência dum dispositivo tecnológico, a *Mass Media*, a imprensa. Podemos verificar a expansão vertiginosa da imprensa com dados estatísticos com o aumento do número de jornais franceses e o aumento das tiragens: - número de jornais circulando - aumento de 49 em 1830, para 73 em 1867, para 220 em 1881, e 322 na véspera da primeira guerra mundial, em 1914. As tiragens dos jornais também sofreram um aumento notável durante o século: 34.000 em 1815, 1.000 em 1867, 2.500.000 em 1880, e 9.500.000 em 1904. Schiller, 1979:46 (Schiller, 1979 opud Traquina, 2004)

O mesmo Traquina (2004) enumera os fatores que fizeram o século XIX, segundo ele, a “época de ouro da imprensa”:

1) a evolução do sistema econômico; 2) os avanços tecnológicos; 3) Fatores sociais; 4) a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no rumo à democracia. Foi o século XIX que a escolarização de massas, com a instituição de escolas públicas, permitiu que um número crescente de pessoas apreenderam a ler, embora de forma rudimentar. (Traquina, 2004, p.35).

Na época de Balzac a imprensa estava em estado nascente, em que o mercado e a mídia iniciava um processo de influencia no cotidiano das pessoas. O capitalismo financeiro assim começava o seu processo de desenvolvimento e expansão, com o apoio massivo da imprensa, juntamente com os governos dos estados nacionais.

Voltando mais especificamente ao papel da imprensa na época de Balzac, Briggs e Burke (2004), em *Uma História Social da Mídia*, concentram a atenção sobre as mudanças ocorridas nos meios de comunicação nos últimos séculos e enfatizam os contextos sociais em que se deram, trançando assim uma história da comunicação, desde invenção da prensa gráfica à internet. No ensaio, os autores destacam que o século XIX foi o século em que os jornais mais ajudaram a moldar uma consciência nacional, acontecendo assim um considerável crescimento do número de periódicos na França após a revolução Francesa. Em contraponto a isso, após a mesma revolução *“os jornais, por exemplo, não poderiam tratar de assuntos políticos. As restrições oficiais tornaram a cultura oral dos cafés politicamente importante, assim como a cultura dos salões, nos quais senhoras aristocratas organizavam reuniões de intelectuais.”* (Briggs e Burke, 2004 p.10)

Estas reuniões são a principal característica literária da época, contudo com a chegada da imprensa os literatos acabaram descobrindo um outro ambiente pra “venderem” suas produções. Nos salões literários os poetas declamavam suas poesias, e os romancistas discutiam suas novas obras com seus leitores. Com a chegada da imprensa estas mesmas idéias se tornam populares nas colunas diários dos jornais, escritores e intelectuais se utilizam do espaço jornalístico para divulgar seus nomes e obras. Na realidade, segundo Lavoinne (s/d) *“até à segunda metade do século XVIII o jornal é uma obra periódica que contém extratos dos livros imprimidos ao tempo e muitas das descobertas que todos se fazem nos domínios das artes e das ciências.”* (Lavoinee, s/d, p.13). No século XIX isso persiste, pois logo após a restauração e ainda mais depois da revolução de julho e o advento da monarquia burguesa, a classe média comercial, os senhores da nova imprensa, tornaram-se crescentemente importantes, (Pristley, 1968: p.151), com os escritores românticos de

maior sucesso, - que tinham plena consciência do que os jornais podiam fazer por eles, - tornaram-se assim hábeis no uso da imprensa, pouco importando o que escrevessem a respeito da solitária grandeza de suas almas. (Idem).

Influência perniciosa da imprensa

Como já foi citado acima a crítica balzaquiana volta-se mordaz para o que ele considera a verdadeira chaga, câncer da sociedade, hipócrita tirania: o jornalismo. Pintando um quadro vergonhoso das práticas dos homens de imprensa através das aventuras de Lucién de Rubempré nas redações, nos cafés e nas ruas de Paris, o que se tem é um retrato do comprometimento político-partidário, do envolvimento com o mercado editorial e teatral, bem como a crítica literária. Balzac via no jornal unicamente um instrumento de vinganças pessoais, adulações, amizades e ódios efêmeros. Para Wisnik (1994) (...) *para Balzac a imprensa parece concentrar o mal do mundo consumado na mercantilização, dissipando o lastro do valor universal e pulverizando todo compromisso ético.* (Wisnik, 1994, p.323).

Para Fraser Bond (1962) a imprensa deveria cumprir suas obrigações para a sociedade, informando, interpretando, orientando e entretendo, sempre com *independência, imparcialidade, honestidade, responsabilidade e decência.* No que se refere à *independência* assim afirma o estudioso: *“para ser independente ela [a imprensa] precisa apoiar-se em bases econômicas próprias, obtendo lucros sem ser subvencionada. Não pode servir o público que apóia, se estiver ligada a alguém que o manobra.”* (Fraser Bond, 1962, p.17). Quanto à *imparcialidade*: *“o ideal de imparcialidade é alcançado pelo jornalismo que evita erros, tendenciosidade, preconceitos e sensacionalismo”* (Idem p.18). Já em relação à *exatidão*: *“difundir a verdade e objetivar os fatos, eis a finalidade do ideal jornalístico.”* (Ibidem,p.18). No que se refere à *honestidade* assim Fraser Bond (Ibidem, 1962) escreveu em seu manual: *“nenhuma atividade está sujeita a tal multiplicidade de contatos com o povo, a tantos problemas variados pedindo decisões imediatas, como o jornalismo”* e mais a frente *“mas os elementos básicos de caráter, nos veículos jornalísticos, permanecem fixos. São eles honestidade nas notícias e nos anúncios.”*(Ibidem, p.19). Em relação à *responsabilidade* ele escreve: *“ uma imprensa livre é muito mais do que um meio de vida dos seus diretores. Ela desfruta dessa liberdade porque é uma instituição semi-pública. Nessa condição, a imprensa deve uma obrigação à comunidade que ela serve e que a sustenta.”*(Ibidem, p.19). E por ultimo quanto à *decência*, ele assim se refere: *“o dever de ser decente compreende não apenas a linguagem e as gravuras*

que o jornalismo usa, pois a lei isto prevê, mas também á maneira qual obtém a notícia.” (p. Ibidem ,19)

Na verdade Fraser Bond (1962) em seu manual constrói um ideal de um jornalismo comprometido com o social, ou politicamente correto. Sua finalidade na escrita do livro é trazer um panorama da profissão, com suas características principais. O autor idealiza certos aspectos em seu discurso, enfatizando o compromisso com a sociedade civil.

Ao contrario de Balzac o Fraser Bond crê na independência da imprensa, na qual ela precisa apoiar-se em bases econômicas próprias, obtendo lucros sem ser subvencionada. A idéia de não estar ligada a alguém que a manobra é impossível para o escritor francês. Para ele a imprensa sempre será um dispositivo para as elites culturais e políticas da sociedade. Mais do que isso o jornal teria o poder de fazer e desfazer contextos, de fazer e desfazer monarquias. Ou seja, haveria segundo Balzac, na imprensa um poder ilimitado, soberano em relação aos outros poderes.

Este poder ilimitado é descrito no romance, por exemplo, nas amostras hilariantes de “método” em que o crítico cultural afirma o verso e depois o reverso da mesma opinião, com uma desenvoltura sofisticada e puro maquiavelismo de circunstâncias, que lhe permitem extrair uma suposta e permanente superioridade sobre os objetos culturais de que trata.

O jornalismo aparecerá para Rubempré (personagem central) como a saída salvadora de uma carreira literária empastada pelas dificuldades do ingresso no mercado. A lógica da vida jornalística, no romance, está articulada a um processo difuso de tráfico de influência e de produtos (onde a crítica literária e de espetáculos, o publicismo político e a crônica mundana associam-se a formas incipientes de *merchandising*, transações com livros e bilhetes de teatro, manobras a claqué).

Essa visão amarga deve ter suas explicadas por alguns aspectos pessoais do autor. De acordo com Maurois (s/d), um dos seus mais famosos biografos, *“Balzac não era apenas um jornalista, era também um maravilhoso jornalista. Quase todo o dia ia ao café Voltaire ou ao Minerva, próximo do Théâtre-français, para aí encontrar os camaradas”.* (Maurois, s/d, p.120). Esse início de convívio diário não só com jornalistas, mas também com livreiros e literatos esta relacionado a sua fase quando o seu pai cortou sua mesada, não podendo Balzac se manter sozinho *“De resto era necessário viver, acalmar os receios da família, ganhar dinheiro. (Idem, p. 78).* Graças a uma amigo Balzac se aproxima de um grupo de jovens escritores que conheciam bem o mundo do teatro e dos livreiros e começa a escrever romances sentimentais

para ganhar a vida. Para Maurois (s/d) Balzac *“fez a experiência, perigosa para qualquer artista, de desprezar a sua arte. (Ibidem, p.79).*

Estas Experiências particulares estão muito próximas ao personagem Rubempré, em suas dificuldades financeiras em Paris, com seus sonhos de se tornar escritor e suas necessidades de ganhar dinheiro. *“Como tantos jovens, era puxado um lado e para o outro por forças opostas. Tinha relações com um grupo de jornalistas cínicos, que faziam troça de tudo e especialmente dos grandes sentimentos, que vendiam a pena a pequenos jornais – Lê Pilote, Lê Corsaire -, sedentos de ecos e de epigramas, e que atabalhoavam á pressa melodramas ou comédias para actrizes de segunda ordem. (Maurois, s/d, p.111).* Estes grupos de jornalistas cínicos da vida real são os mesmos que serviram de base para a criação dos personagens do romance: Finot, Miguel Chrestien, etc.

Os sentidos da ilusão

O personagem Rubempré é um jovem provinciano que vai tentar a sorte na metrópole munido de seu talento poético e de todas as ilusões possíveis (assim como o próprio Balzac com seus vinte anos) que serão desmontadas pouco a pouco em Paris. O mundo das letras lhe mostra o quão insignificante é seu intento. Na voz de outro personagem, Daniel Du Arthez - primeiro amigo que Rubempré conquista no meio intelectual parisiense: *“... sua história é a minha e a mesma de mil a mil e duzentos jovens que todos os anos chegam da província a Paris”.*

Em paralelo a esta desilusão, há também a do amor que foi a principal causa de sua vinda para a capital. Enquanto estavam na província, Lucien du Rubempré e a Sra. Du Bargeton se envolveram nos saraus que aconteciam na casa desta. Apaixonaram-se, mas sequer chegaram a alguma proximidade que não fosse lícita. O caso dos dois acaba por se consumir apenas em boato. A Sra du Bargeton resolve se afastar do marido de vez, levando para Paris Rubempré como seu protegido e amante. Lá chegando, o provincianismo de ambos acaba por diluir subitamente a paixão frente aos valores da sociedade parisiense. *A primeira ilusão de Lucien du Rubempré já está perdida, e os dois acabam por terminar com o caso que sequer iniciaram.* Desabonado de sua protetora, com a qual contava para se manter, além das economias que sua mãe e seu cunhado, David Séchard o haviam dado, Rubempré tenta vender seus dons da escrita a algum livreiro. Mais uma tentativa frustrada. *O jornalismo surge então como a alternativa redentora.* Rubempré aprende todas as técnicas e expedientes da profissão. Neste ponto do livro, Balzac faz uma

listagem dos métodos que os jornalistas empregavam para sustentar toda uma rede de tráfego de influências e troca de favores com editores, casas de espetáculos, políticos, etc., algo muito citado ao longo do texto.

Balzac empreende um ataque caudaloso por todos os flancos que pode a imprensa. Se há um mal no mundo, este é a imprensa. De espírito conservador, o escritor francês defendia a monarquia e chegou a apregoar o controle prévio sobre os jornais, no entanto, apesar da sua ira contra a imprensa, Balzac conseguiu articular questões cruciais sobre as quais o jornalismo se constituiu durante as grandes transformações engendradas pela Revolução Industrial. Como Wisnik (1994) propõe: *E como Balzac abrangeu, com a vontade de potência de sua visão inaugural, nada menos que todo o arco histórico do problema, pode-se dizer também que a sua questão é a do destino problemático da cultura diante da indústria da cultura" (Wisnik, 1994, p.328) .*

Para o escritor francês, o jornalismo seria uma degeneração da literatura, os jornalistas, "comerciantes de frases". Isto reforça a tese do historiador da arte Mário de Micheli que segundo por volta de 1848 vai existir uma série crise das unidades do pensamento e o dissídio das classes torna-se aguda. Esta ruptura vai envolver os problemas da cultura e da arte, ou seja, vai haver uma espécie de a quebra da unidade espiritual do século XIX. Neste sentido, como propõe este historiador, quando os intelectuais deixaram as linhas de frente dos movimentos populares, criando assim uma poética da evasão. Balzac se inscreve dentro desta perspectiva pela assimilação do mito do bom selvagem, do culto a uma virtude perdida e que deve ser recuperada. Para ele a província, portanto onde se tem uma situação marcadamente anacrônica em relação ao cosmopolitismo e à industrialização de Paris, é o espaço depositário dos "verdadeiros" e "bons" valores. A república seria a corrupção instituída. Daí a imprensa ser um mal. A nova sociedade desencadeada pelas transformações da Revolução Industrial se impunha aos que queriam conservar um mundo já extinguido, forçando a "perda total das ilusões". Às idéias totalizantes da literatura de então, o jornalismo vai se opor em sucessivas fragmentações. Balzac quer levar a cabo uma luta entre "duas máquinas de representar o mundo": o jornal e o livro. A pureza está toda com o segundo

Mimese da Vida Moderna: relações entre literatura e jornalismo

De acordo com Wisnik (1994) a representação literária e a representação jornalística disputam o que ele chamada de mímise da vida moderna. Para Balzac a imprensa é o mundo da mentira, e avança na verdade da literatura. Sendo assim:

A imprensa será o domínio do jogo das representações desconectado do horizonte da verdade, ou da manipulação dos verossímeis sem o lastro de sentido que os fundamentaria. Por sua vez, a literatura na qual o romancista se empenha, ao construir a comédia humana, aspira a uma representação totalizante do mundo que ao mesmo tempo experimenta a sua potência e perde terreno, como indica, entre outras coisas, o panorama entrópico dos meios de massa. (Wisnik, 1994, p.325)

Este empate sobre a maior representabilidade na produção de verdades está inserido no conflito da identidade entre o escritor e o jornalista na contemporaneidade.

Para Demétrio (2007, s/d) o romance *Ilusões Perdidas* foi a obra que primeiro trouxe o jornalismo para a literatura, pois baseando-se em Wisnik (1994) “*a imprensa vem a ser assunto da literatura depois que a literatura já é assunto da imprensa*” (Wisnik, 1994, 329). Esta primeira referencia pode compreendida como uma espécie de discurso fundador. Um discurso que traz uma serie de regularidades no tempo, e sempre que se queira criticar o jornalismo lá estará Balzac sendo referido.

Na segunda parte de *Ilusões perdidas* está o nó das relações entre literatura e jornalismo, anunciando e envolvido pelo contraponto que o livro estabelece entre esses dois tipos de “poetas”: o jovem narcisista que, pelo triunfo e o fracasso mundanos, perde os seus ideais literários e morais, e o anônimo e impecável trabalhador-inventor que, moralmente avesso ao turbilhão da capital, luta pelo melhoramento técnico dos meios impressos. (a província tende a ser, para o lado idealizante do antimodernismo de Balzac, o celeiro dos “bons”: David Séchard não é movido pelo desejo do lucro nem da glória, embora diretamente envolvido, pela natureza do seu trabalho, com os movimentos da industrialização e do capital.).

Na verdade esta segunda *Ilusão Perdida* esta concentrada nesta diferença. Uma das “ilusões perdidas” de que fala o autor é justamente a perda do valor estético/literário subjugado pelo valor econômico. Para Wisnik (1994)

(...) o ritmo interno dessa trajetória romanesca é desencadeado pelo choque das idealizações líricas do jovem e ambicioso autor de “*Margaridas*” e “*O Arqueiro de Carlos IX*” com a industrialização e a comercialização da literatura, sinalizada em detalhe da sua iniciação parisiense. (Wisnik, 1994, p. 322)

A universalização do dinheiro e do mercado, que consolidará a vida burguesa pondo fim á sua fase de idealização heróica, está no centro desse “poema tragicômico da capitalização do espírito”, como Lukács chamou *Ilusões perdida* .O que está em

questão nessa poderosa obra de arte é o destino problemático da própria literatura diante dessa nova máquina de representar o mundo : o jornal diário e de massa.

Referências Bibliográficas:

BALZAC, Honoré de. *Ilusões Perdidas*. Tradução de Ernesto Pelanda e Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BONDER, F. Fraser. *Introdução ao Jornalismo*. Rio de Janeiro: AGIR, 1966.

DEMÉTRIO, Sílvio Ricardo. Os limites do devir no jornalismo. Disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=demetrio-silvio-literatura-jornalismo.html In: *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Acesso em 28 de Novembro de 2007.

MAUROIS, André. *Prometeu ou a Vida de Balzac*. Lisboa: Estúdios Cor, s/d.

PERRANE, Leyla Moíses. Atualidade de Balzac. In: *Inútil Poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P.45-54.

PRISTLEY, J.B. O Movimento Romântico na França. IN: *A Literatura e o Homem Ocidental*. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 19968. P. 150-161.

LAVOINNE, Yves. *A Imprensa*. Lisboa: veja s/d. (coleção Trimédia).

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, volume 1*. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAVANCOS, Isabel. *O Jornalista e suas representações literárias*. Belo Horizonte: XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2003.

WISNIK, José Miguel. *Ilusões Perdidas*. IN: NOVAES, Adauto (Org). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P.321.343.